



ESTADOS UNIDOS

Estudante de 14 anos mata dois colegas e dois professores em escola secundária de Winder, no estado da Geórgia. Ao menos nove feridos são hospitalizados. Presidente Joe Biden exige do Congresso legislação para proibir venda de armas de assalto

Megan Varner/Getty Images/AFP



O terror se repete

Alunos aguardam os pais, diante de policiais e ambulâncias, na Apalachee High School: manhã de pavor no retorno às aulas

Com pouco mais de 17 mil habitantes, a cidade de Winder, no estado da Geórgia, viveu ontem um dos dias mais sombrios em seus 131 anos de história. Um estudante de 14 anos abriu fogo dentro do prédio da Apalachee High School, matando dois outros alunos e dois professores e ferindo pelo menos nove pessoas. Jud Smith, xerife do condado de Barrow, disse que a polícia recebeu a primeira chamada sobre a existência de um atirador ativo na escola por volta das 10h20 (11h20 em Brasília).

“O suspeito está sob custódia e vivo. Relatos que ele tenha sido ‘neutralizado’ são imprecisos”, anunciou o Comitê de Investigações da Geórgia (GBI, pela sigla em inglês). Mais tarde, as autoridades anunciaram que o assassino será julgado como adulto e descartaram ligação entre ele e as vítimas. Um segurança da escola confrontou o atirador, que se rendeu e deitou no chão. O atentado em Winder foi o 385º tiroteio em massa registrado nos Estados Unidos — uma média de 1,5 a cada dia em 12 meses.

Lyela Sayarath, estudante da Apalachee High School, contou à rede de tevê

CNN que estava na mesma sala que o atirador. De acordo com ela, o assassino deixou o ambiente no começo da aula de Álgebra 1, por volta das 9h45 (10h45 em Brasília). Pouco antes do fim da aula, ele retornou à sala, trancada automaticamente por dentro. Uma garota tentou abrir a porta, mas deu um pulo para trás, ao perceber a arma.

Ela e os colegas se esconderam entre as carteiras e ouviram os disparos. “O professor apagou as luzes, mas todos nós meio que nos empilhamos. E tipo, eu empurrei as carteiras na nossa frente”, relatou. Lyela disse que um amigo, que estuda em outra sala, estava muito abalado. “Ele viu alguém levar um tiro, tinha sangue e parecia mancar.” Segundo Lyela, o assassino era menino “quieto e tímido”, que dava respostas monossilábicas apenas quando faziam trabalhos em grupo.

“Eu te amo”

Às 10h23 (hora local), Ethan Haney, 17 anos, enviou uma mensagem de texto para a mãe. “Tiroteio na escola. Estou amedrontado. Por favor, não estou brincando”, escreveu. Erin Clark imediatamente respondeu para o filho: “Estou saindo

mãe. “Tiroteio na escola. Estou amedrontado. Por favor, não estou brincando”, escreveu. Erin Clark imediatamente respondeu para o filho: “Estou saindo

Christian Monterrosa/AFP



Mãe e alunos se reúnem depois da tragédia: atirador era considerado tímido e quieto

do trabalho”. Ethan, então, enviou nova mensagem dizendo que a amava. Erin perguntou onde ele estava. “Classe. Alguém está morto”, relatou. Na tentativa de tranquilizá-lo, a mãe contou-lhe, minutos depois, ter visto viaturas da polícia no trajeto até a escola.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, divulgou um comunicado em

que condenou os tiroteios em massa. “O que deveria ter sido um retorno alegre à temporada escolar em Winder, na Geórgia, tornou-se outro lembrete horrível de como a violência armada continua a destruir nossas comunidades. Os estudantes de todo o país estão aprendendo a se agachar e se refugiar em vez de aprender a ler e escrever. Não podemos

continuar aceitando isso como algo normal”, advertiu.

Biden também cobrou do Congresso uma legislação para barrar as armas de assalto. “Depois de décadas de inação, os republicanos no Congresso devem, finalmente, dizer ‘basta’ e trabalhar com os democratas para aprovar uma legislação de bom senso sobre segurança de armas. Devemos proibir, mais uma vez, as armas de assalto e os carregadores de alta capacidade uma vez mais, exigir armazenamento seguro de armas de fogo, promulgar verificações universais de antecedentes e acabar com a imunidade dos fabricantes de armas”, acrescentou.

A vice-presidente e candidata democrata à Casa Branca, Kamala Harris, classificou o ataque como uma “tragédia sem sentido”. “É simplesmente ultrajante que todos os dias em nosso país, nos Estados Unidos da América, os pais tenham de mandar os filhos à escola preocupados se eles voltarão para casa vivos ou não”, declarou Kamala, durante comício em Portsmouth, no estado de New Hampshire. “Devemos pôr fim de uma vez por todas a esta epidemia de violência armada no nosso país. Não tem por que ser assim. Temos que parar com isso. Não tem de ser assim.”

O magnata Donald Trump, candidato do Partido Republicano à Presidência dos EUA, também se pronunciou sobre o tiroteio na Geórgia. “Nossos corações estão com as vítimas e entes queridos daqueles afetados pelo trágico evento em Winder. Essas crianças queridas foram tiradas de nós cedo demais por um monstro doente e perturbado.”

VENEZUELA

Opositor González pede ao MP que evite “perseguição” política

Edmundo González Urrutia, adversário de Nicolás Maduro em sua contestada reeleição, pediu ao procurador-geral da Venezuela, Tarek William Saab, que evitasse uma “perseguição” política, em um momento em que é alvo de uma Justiça acusada pela oposição de servir ao chavismo. O pedido do opositor de 75 anos, que está na clandestinidade desde 30 de julho, foi feito por meio de seu advogado, convocado pelo procurador-geral para uma reunião no fim da tarde.

González afirma ter vencido as eleições em que Maduro foi proclamado reeleito para um terceiro mandato consecutivo, o que causou uma grave crise, na qual Brasil e Colômbia lideram os esforços por uma solução pacífica. Até agora, não foi concretizada uma reunião de Maduro com seus pares Luiz Inácio Lula da Silva e Gustavo Petro, que expressaram sua “profunda preocupação” com a ordem de prisão contra González.

O Ministério Público (MP) o investiga por suposta “desobediência às leis”, “conspiração”, “usurpação de

funções” e “sabotagem”. O foco é um site que a oposição liderada por María Corina Machado alimentou com cópias de mais de 80% das atas de votação que, segundo eles, servem como prova de uma vitória esmagadora de seu candidato.

Não está claro se Edmundo González Urrutia foi acusado formalmente. Seu advogado, José Vicente Haro, não conseguiu acessar o processo, mas foi ao MP na tentativa de interromper o processo. Ele entregou um documento legal no qual justificava a ausência de seu cliente nas três convocações emitidas pelo órgão e que resultaram no pedido de prisão.

O documento “faz um apelo ao procurador-geral da República para não criminalizar, não judicializar fatos que não têm caráter penal, para não iniciar uma perseguição política”, explicou Haro. “Há uma situação de desamparo, de impossibilidade de garantir seu direito à defesa, ao devido processo.” González, que agora se comunica pelas redes sociais, não reagiu diretamente à ordem para sua captura.

Diplomacia

Os Estados Unidos, o alto representante da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, e nove países da América Latina rejeitaram o mandato de prisão contra González. O Brasil e a Colômbia ressaltaram que a ação dificulta a busca por uma solução pacífica.

O chanceler colombiano, Luis Gilberto Murillo, disse na terça-feira que “provavelmente” a reunião de Maduro com Petro e Lula seria ontem. O presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, que foi muito ativo no início desses esforços, mas depois se distanciou, também participaria. “Nunca tive confirmação disso, nem estava em nossa agenda”, afirmou uma fonte do Palácio do Planalto à agência France-Press.

Para o analista político Mariano de Alba, a reunião ocorreria “num momento em que as expectativas de mediação são muito baixas”, segundo escreveu no X. “Duvido que a curto prazo Maduro demonstre disposição para uma mediação com envolvimento internacional”, disse o especialista.

Yuri Cortez/AFP



“Violações generalizadas” dos direitos humanos

As autoridades venezuelanas cometem “violações generalizadas dos direitos humanos” contra manifestantes, opositores e críticos após a questionada reeleição do presidente Nicolás Maduro, denunciou a ONG Human Rights Watch (HRW) em relatório publicado ontem. “A repressão que estamos vendo na Venezuela é brutal”, afirma Juanita Goebertus, diretora para as Américas da HRW. A ONG “documentou que as autoridades e os grupos armados pró-governo, conhecidos como ‘coletivos’, cometeram abusos generalizados, incluindo assassinatos, detenções e processos criminais arbitrários e perseguição a críticos do governo.”